Revista Pós-escrito
ISSN 1808-0154

Faculdade Batista do Rio de Janeiro
Seminário do Sul

Substituição penal e Christus Victor: uma análise comparativa

Penal Substitution and Christus Victor: A Comparative Analysis

Ismael Pereira Lourenço[1]
Lucas Mourão[2]
Danilo Aguiar[3]

RESUMO

A doutrina da expiação ocupa lugar central na fé cristã e tem sido objeto de intensos debates teológicos ao longo da história. Este trabalho propõe uma análise comparativa entre duas das principais teorias expiatórias: a Substituição Penal e o modelo Christus Victor. A relevância do tema reside no fato de que essas concepções moldam não apenas a compreensão doutrinária da salvação, mas também o modo como o evangelho é anunciado e vivido nas comunidades cristãs. Por meio de uma revisão bibliográfica, este estudo examina autores como Gustaf Aulén, N.T. Wright, David Allen, William Lane Craig, Jürgen Moltmann e outros, destacando os fundamentos históricos, bíblicos e teológicos de cada teoria. A pesquisa mostra que, enquanto a Substituição Penal enfatiza o aspecto jurídico da cruz, Cristo sofrendo a penalidade pelos pecados da humanidade, o modelo Christus Victor sublinha a vitória cósmica de Cristo sobre o mal, o pecado e a morte. A análise aponta que ambas as perspectivas oferecem contribuições valiosas, mas também apresentam limitações quando consideradas isoladamente. Conclui-se que uma abordagem equilibrada da expiação precisa levar em conta sua dimensão escatológica, relacional e transformadora. A metodologia adotada baseia-se em análise qualitativa de textos clássicos e contemporâneos da teologia sistemática, com ênfase na interpretação narrativa e metafórica das Escrituras. Este trabalho visa oferecer uma compreensão mais ampla da obra redentora de Cristo, resgatando a centralidade da cruz como evento de reconciliação, libertação e restauração da vocação humana.

Palavras-chaves: Expiação, Substituição Penal, Christus Victor.

ABSTRACT

The doctrine of atonement occupies a central place in the Christian faith and has been the subject of intense theological debate throughout history. This paper presents a comparative analysis between two of the main atonement theories: Penal Substitution and Christus Victor. The relevance of this topic lies in how these conceptions shape not only doctrinal understanding of salvation but also how the gospel is preached and lived

[1] Graduando em Teologia – FABAT.
[2] Bacharel em Teologia pela FABAT e Mestre em Estudos Teológicos pela Lucent University (EUA).
[3] Formado em teologia pelo STBG, em Letras (português e grego), pela UFF. Mestre em grego, pela UFRJ e doutorando em grego, pela UFRJ.

out in Christian communities. Through a bibliographic review, this study examines authors such as Gustaf Aulén, N.T. Wright, David Allen, William Lane Craig, Jürgen Moltmann, among others, highlighting the historical, biblical, and theological foundations of each theory. The research demonstrates that while Penal Substitution emphasizes the legal aspect of the cross — Christ bearing the penalty for humanity's sins — the Christus Victor model emphasizes Christ's cosmic victory over evil, sin, and death. The analysis reveals that both perspectives offer valuable contributions but also present limitations when considered in isolation. It concludes that a balanced approach to atonement must consider its eschatological, relational, and transformative dimensions. The methodology employed consists of a qualitative analysis of classical and contemporary systematic theology texts, with an emphasis on narrative and metaphorical interpretation of Scripture. This work aims to provide a broader understanding of Christ's redemptive work, recovering the centrality of the cross as an event of reconciliation, liberation, and restoration of human vocation.

Keywords: Atonement, Penal Substitution, Christus Victor.

INTRODUÇÃO

A expiação ocupa lugar central nas Escrituras: os evangelistas dedicam entre 25% e 42 % de suas narrativas aos últimos momentos de Jesus e à sua crucificação (Allen, 2019, p. 2).[4] Contudo, há quem defenda que a expiação não se limita à morte de Cristo, mas engloba todo o seu ministério, da encarnação à ressurreição, como um único e abrangente ato redentor.

Para os autores do Novo Testamento, a obra de Jesus, verdadeiramente, tem caráter sacrificial, remetendo-se, inclusive, ao cordeiro pascal, referência clara à linguagem sacrificial utilizada no contexto do culto de Israel.[5]

No Antigo Testamento, a noção de "sacrifício" não recebe uma definição formal, mas está presente de modo contínuo tanto na narrativa bíblica, quanto na tradição judaico-cristã, funcionando como o meio simbólico de reconhecimento e cobertura do pecado.[6] Razão pela qual surgem múltiplas possibilidades interpretativas ao longo da história do pensamento teológico. Na tradição reformada e patrística, autores como Anselmo de Cantuária e João Calvino enfatizam o aspecto de satisfação da justiça divina. Já a vertente relacional ou "subjetiva" encontra em Pedro Abelardo e em

[4] ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: https://www.perlego.com/book/2694976. Accesso em: 11 de mar. 2025. p. 2.
[5] ALLEN, David. *Op.cit*. p. 24.
[6] ALLEN, David. *Op.cit*. p. 29.

teólogos liberais posteriores a ênfase no caráter de reconciliação íntima entre Deus e o crente, destacando o poder transformador do amor divino na consciência humana. Por fim, a perspectiva *Christus Victor*, articulada por Irineu e reavivada por Gustaf Aulén, destaca a vitória de Cristo sobre as forças do mal como dimensão central da expiação. Essa diversidade de opiniões revela a natureza multifacetada do tema e mantém o debate aberto a novas reflexões.

Tal diversidade histórica deu origem a múltiplas teorias de expiação ao longo da vida da Igreja. Mesmo quando algumas delas carecem de apoio direto em textos bíblicos, elas trazem recortes que, de alguma forma, iluminam aspectos verdadeiros da expiação, ainda que não ofereçam explicações totalmente convincentes acerca do seu funcionamento na salvação.[7]

A metáfora, figura de linguagem que estabelece uma comparação implícita entre realidades distintas, é um recurso recorrente dos autores bíblicos para transmitir a natureza da expiação. Allen[8] identifica quatro metáforas principais nas Escrituras: a do templo, que enfatiza o lugar e o rito da reconciliação; a do campo de batalha, que destaca a vitória sobre o mal; a do comércio, que ilustra a ideia de pagamento ou resgate; e a da linguagem judicial, que apresenta a justiça divina em ação. O autor sugere que existem 3 motivos para Paulo fazer uso de tantas ilustrações para explicar a expiação: 1) A linguagem da expiação é metafórica; 2) A expiação é pastoral; 3) A linguagem da expiação precisa considerar uma gama variada de considerações culturais.[9]

Ainda que existam discordâncias entre os teólogos sobre a doutrina da expiação, todos abordam pontos comuns, como os apresentados por Geisler[10]: 1) Cristo morreu "por nossos pecados" e que; 2) Cristo se entregou em expiação pelos nossos pecados. David Allen[11] acredita que nenhum modelo ou teoria de Expiação apresenta uma descrição definitiva de como o sacrifício vicário de Cristo funciona.

---

[7] Allen, *Op.cit.* p. 177.
[8] Allen, *Op.cit.* p. 9.
[9] Allen, *Op.cit.* p. 74.
[10] GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 177.
[11] ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: https://www.perlego.com/book/2694976. Accesso em: 11 de mar. 2025. p. 10.

Diante da variedade de interpretações, este estudo propõe-se a examinar, de modo seletivo e não exaustivo, duas das concepções expiatórias mais influentes na tradição cristã: a Substituição Penal e o modelo Christus Victor. Para tanto, será realizada uma revisão bibliográfica de autores relevantes nesse debate, como Gustaf Aulén, N. T. Wright, Willian Lane Craig, David Allen e Jurgen Moltmann. Em um primeiro momento, apresentaremos cada uma dessas teorias; em seguida faremos uma análise crítica dos pontos fortes e das limitações inerentes a ambas.

O propósito deste trabalho é enriquecer a reflexão teológica acerca da expiação, oferecendo uma perspectiva mais ampla sobre esses dois paradigmas e aprofundando nossa compreensão da obra redentora de Cristo em nossas vidas. A relevância deste artigo reside no fato de que, muitas vezes, aceitamos o mistério da salvação como dado adquirido, sem questionar seus fundamentos, nem as consequências das interpretações adotadas, seja no discurso popular, nos encontros dominicais ou nas práticas cotidianas de nossas comunidades de fé.

1. A SUBSTITUIÇÃO PENAL

Ainda que tenha sido desenvolvida pelos reformadores no século XVI, os pressupostos da Teoria da Substituição Penal remontam à idade média. Mais especificamente, nas ideias de Anselmo de Cantuária (c. 1033-1109) em seu livro *Cur Deus Homo?*[12] A respeito do motivo da entrega sacrificial de Jesus na cruz em relação ao pecado, Anselmo acreditava que a reconciliação entre Deus e a humanidade estava enraizada na necessidade da "satisfação" da Lei e da ira divina. E, ao desenvolver a Teoria da Satisfação, o Arcebispo afirmou que os pecados da humanidade ferem a honra de Deus, e que apenas uma punição sofrida por Cristo poderia satisfaze-la.[13]

Anselmo acreditava que "Deus não pode simplesmente perdoar pecados, pois, nesse caso, a misericórdia cancelaria a Justiça"[14] Entendendo que o perdão de pecados ocorreria apenas mediante o pagamento de um preço, a cruz seria, portanto, um

[12] GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186.
[13] ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: https://www.perlego.com/book/2694976. Accesso em: 11 de mar. 2025. p. 25.
[14] Allen, *Op.cit*. p. 25.

dispositivo que protege a honra divina para que a relação entre Deus e a humanidade seja reatada. Por isso, esse modelo também recebeu o nome de "Teoria Comercial da expiação"[15]

Assim como foram inspirados por Anselmo, os reformadores também foram influenciados por uma vertente da Teoria da Satisfação, desenvolvida por Tomás de Aquino, que, ao contrário da satisfação *absoluta*, acreditava na satisfação *opcional*.[16] Aquino afirmava 3 pontos sobre a necessidade da expiação: 1) Deus fica satisfeito com o sacrifício de Jesus na cruz; 2) A morte de Cristo não é imprescindível para o perdão de Pecados; 3) O sacrifício de Jesus era a melhor maneira para que isso fosse alcançado.[17] Ainda, de acordo com essa teoria, Jesus seria o sacrifício perfeito por conta da sua união hipostática, como explica Calvino:

> Era de grande importância para os nossos interesses que aquele que havia de ser nosso Mediador fosse tanto verdadeiro Deus quanto verdadeiro homem. Se for feita uma indagação sobre a necessidade disso, não se tratava, de fato, de uma necessidade simples, ou, como costumamos dizer, uma necessidade absoluta, mas de uma necessidade que provinha do decreto celestial, do qual dependia a salvação dos homens. Mas nosso Pai misericordioso determinou aquilo que era o melhor para nós.[18]

Os reformadores tinham por objetivo confrontar as doutrinas vigentes na Igreja Católica medieval, que imputavam a necessidade de um duplo apaziguamento da ira divina para seus fiéis: na imanência, através da missa, e na transcendência, através do purgatório. Contrapondo isto, os reformadores declararam que a ira de Deus exigia ser pacificada apenas uma vez, e que esse propósito havia sido alcançado na Cruz. Sugerir o contrário seria alegar que o sacrifício de Cristo seria ineficaz.[19]

---

[15] GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 181.
[16] BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática** / Louis Berkhof; trad. por Odayr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990. p. 362
[17] GEISLER, *Op.cit.* p. 179.
[18] CALVIN, John. **Institutes of the Christian Religion.** Translated from the Latin and collated with the author's last edition in French by John Allen. 7th American ed., revised and corrected. Vol. I. Philadelphia: Presbyterian Board of Christian Education, 1936. Disponível em: https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.1057/page/n75/mode/2up. Acesso em: 22 jun. 2025. Livro II, cap. 12, §1. Tradução nossa.
[19] WRIGHT, N.T. **The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus's Crucifixion**. New York: HarperOne, 2016. p. 40.

No que tange o objeto da ofensa contra Deus, Calvino acreditava que, ao invés da honra divina - posição defendida por Anselmo -, a justiça de Deus, no caso, a sua santidade, havia sido ferida.[20] Razão por que para Calvino, Deus tem a intenção de perdoar pecados, mas essa obra só será viável se a punição tiver o mesmo valor da ofensa, como pode se observar:

> Cristo interveio como intercessor; ele tomou sobre si e sofreu a punição que, pelo justo juízo de Deus, recaía sobre todos os pecadores; com seu sangue ele expiou os crimes que os tornavam odiosos a Deus; por essa expiação, Deus Pai foi satisfeito e devidamente aplacado; por meio desse intercessor, sua ira foi apaziguada; e essa é a base da paz entre Deus e os homens.[21]

A justiça retributiva é o que define a natureza divina.[22] Posto isto, o que os reformadores propuseram foi uma extensão da Teoria da Satisfação, empregando semântica forense e jurídica. A expiação, portanto, começou a ser entendida em aspectos de satisfação e substituição penal.[23]

A Substituição Penal pode ser definida como "o inocente tomando o lugar do culpado, em nome e por causa do culpado, sob o machado da retribuição judicial de Deus"[24] Essa perspectiva se sustenta nas ideias de João Calvino, que afirmava que "Cristo sofre a vingança de Deus a tal ponto que experimenta a realidade do próprio inferno"[25] Considerado um dos principais defensores contemporâneos da Teoria da

---

[20] GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186.

[21] CALVIN, John. **Institutes of the Christian Religion.** Translated from the Latin and collated with the author's last edition in French by John Allen. 7th American ed., revised and corrected. Vol. I. Philadelphia: Presbyterian Board of Christian Education, 1936. Disponível em: https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.1057/page/n75/mode/2up. Acesso em: 22 jun. 2025. Livro II, cap. 12, §1. Tradução nossa.

[22] ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: https://www.perlego.com/book/2694976. Accesso em: 11 de mar. 2025. p. 255.

[23] GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186. p. 186 e ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: https://www.perlego.com/book/2694976. Accesso em: 11 de mar. 2025. p. 252.

[24] PACKER, J.I. **Knowing God**. Reprint ed. InterVarsity Press, 1993. p. 186.

[25] BUTLER, G. **Appeasement of a monster God?** A historical and biblical analysis of Penal Substitutionary atonement. Themelios, v. 46, i. 1, 2021. Disponível em: https://www.thegospelcoalition.org/themelios/article/appeasement-of-a-monster-god-a-historical-and-biblical-analysis-of-penal-substitutionary-atonement/. p. 136.

Substituição Penal, William Lane Craig[26] argumenta: "Deus impôs a Cristo o sofrimento que nós merecíamos como punição por nossos pecados, como resultado do qual já não merecemos punição".

O texto chave para a compreensão da Substituição Penal se encontra em Romanos 3:21-26. Esse texto também é considerado por muitos autores como o núcleo das escrituras sagradas.[27]

> Mas, agora, sem lei, a justiça de Deus se manifestou, sendo testemunhada pela Lei e pelos Profetas. É a justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem. Porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus apresentou como propiciação, no seu sangue, mediante a fé. Deus fez isso para manifestar a sua justiça, por ter ele, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos, tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, a fim de que o próprio Deus seja justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus. (Rm 3:21-26, NAA)

Allen[28] acredita que, dos versos 22 ao 24, Paulo conecta a justiça de Deus com a justificação através do Cristo como propiciação. Para o autor, outros textos também apontam para a natureza substitutiva do sacrifício de Jesus: Mateus 20:28, 25:28; Romanos 3:24–25; Efésios 1:7; Colossenses 1:20; Hebreus 2:17; 1 Pedro 3:18; e 1 João 2:2. Assim, observa-se que a Substituição Penal consiste em entender o sacrifício de Cristo como o ato pelo qual ele assume, em nosso lugar, a penalidade que nos era devida, cumprindo a justiça de Deus e garantindo a justificação dos crentes. Nesse modelo, a propiciação operada em Cristo funciona como o meio pelo qual a ira divina é aplacada e o perdão é concedido, de modo que todos os que se unem a ele passam de condenados a justos diante de Deus.

2. CHRISTUS VICTOR

---

[26] CRAIG, William Lane. **Is Penal Substitution Unjust?** *International Journal for Philosophy of Religion*, v. 83, p. 231, 2018. DOI: https://doi.org/10.1007/s11153-017-9654-x p. 231.
[27] ALLEN, *Op.cit.* p. 266. BIRD, Michael F. **Romans, The Story of God Bible Commentary** [Grand Rapids: Zondervan, 2016]. p. 116. E MORRIS, L. **The Epistle to the Romans** [Grand Rapids: Eerdmans, 1988]. p. 173.
[28] ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: https://www.perlego.com/book/2694976. Accesso em: 11 de mar. 2025. p. 188.

Assim como a Substituição Penal, a perspectiva *Christus Victor* apresenta raízes patrísticas anteriores à sua formulação moderna, emergindo da Teoria da Recapitulação de Irineu de Lião (c. 125–c. 202) e reavivada em tempos modernos por Gustaf Aulén.[29] Denominada também "teoria do mérito" ou "teoria dramática", a Recapitulação é historicamente a primeira formulação teológica da expiação, tendo em Romanos 5:19, a analogia entre os primeiro e o segundo Adão, sua chave hermenêutica[30]:

> Portanto, assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os seres humanos para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos para a justificação que dá vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. A lei veio para que aumentasse a ofensa. Mas onde aumentou o pecado, aumentou muito mais ainda a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também a graça reinasse pela justiça que conduz à vida eterna, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. (Rm 5:18-21 NAA)

A Teoria da Recapitulação desenvolve-se a partir da convicção de que Cristo, ao encarnar-se, experimentou integralmente a condição humana, passando pela tentação, pelo sofrimento e pela morte, para, então, ressurgir vitorioso sobre o diabo e o mal. Nesse processo, todos os que "participam" dele recebem as bênçãos de sua vitória; assim, a expiação abrange não apenas o ato sacrificial na cruz, mas toda a trajetória de Jesus como ser humano, assegurando salvação e libertação.[31]

Irineu de Lião fundamenta sua formulação em Romanos 5:18–21 ao mostrar o paralelo entre Adão e Cristo: assim como, por meio de um homem, o pecado e a morte entraram no mundo, por outro homem, o "novo Adão", a redenção se realiza, destruindo o poder do pecado e vivificando a humanidade. A recapitulação, portanto, não é uma mera repetição da queda; é a reinterpretação e restauração de toda a experiência humana em Cristo, que, concebido "pela virgem" em oposição ao Adão feito do "barro virgem", restitui ao homem sua vocação original.[32]

Para Irineu, a encarnação é o núcleo da obra redentora de Cristo, inseparável da

---

[29] GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186. p. 179.
[30] RENDERS, H.; SANTOS, V. C. **As oitos expressões dos quatros tipos principais da teoria da expiação: as teologias da cruz em uma perspectiva metodista.** Estudos de Religião, v. 36, n. 3, p. 121-156, 2022. DOI: https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v36n3p121-156. p. 131.
[31] GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186. p. 177–178.
[32] GEISLER, *op.cit.* p. 178.

crucificação; ambas são dimensões interdependentes da mesma ação salvadora.[33] Antes de empregar termos como "sacrifício" ou "substituição", ele falava em "obediência" para caracterizar essa obra.[34] A encarnação viabiliza a expiação e, reciprocamente, a expiação consuma a encarnação, completando o propósito divino.[35]

Na Teoria da Recapitulação de Irineu, aqueles que participam do sacrifício de Jesus recebem a oferta de vida eterna, inaugurando um processo de santificação que se manifesta na transformação ética e moral da conduta humana no mundo.[36] Assim, na visão irineana da obra de Cristo, a morte, o pecado e o diabo são vencidos, resultando na libertação definitiva da humanidade.[37] Para Irineu, a recapitulação não se encerra com a vitória de Cristo sobre as forças do mal, mas prossegue através da ação do Espírito Santo na Igreja.[38]

Gustaf Aulén sistematiza essa tradição sob o nome *Christus Victor*, definindo-a como um drama cósmico em que Cristo redime todas as coisas criadas ao triunfar sobre os poderes "tiranos" que oprimem a criação.[39] A ênfase, então, desloca-se do sacrifício voltado a Deus ou ao homem para a derrota de Satanás: "a expiação é uma vitória divina que subjuga os poderes destrutivos do inferno e da morte, tornando o amor reconciliador de Deus visível e disponível".[40]

As bases bíblicas dessa perspectiva incluem João 12:31; Hebreus 2:14– 18; 1 João 3:8; e Apocalipse 12:7–12, que retratam Cristo vencendo as hostes demoníacas por

---

[33] AULÉN, Gustaf. **Christus Victor: an historical study of the three main types of the idea of atonement.** 3. ed. Tradução de A. G. Herbert. [S.l.]: Wipf and Stock Publishers, 2003. 182 p. Disponível em: https://www.perlego.com/book/1723013. Accesso em: 30 de abr. 2025. p. 20.
[34] RENDERS, H.; SANTOS, V. C. **As oitos expressões dos quatros tipos principais da teoria da expiação: as teologias da cruz em uma perspectiva metodista.** Estudos de Religião, v. 36, n. 3, p. 121-156, 2022. DOI: https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v36n3p121-156. p. 131.
[35] AULÉN, *op.cit.* p. 151.
[36] BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática** / Louis Berkhof; trad. por Odayr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990. p. 378.
[37] AULÉN, Gustaf. **Christus Victor: an historical study of the three main types of the idea of atonement.** 3. ed. Tradução de A. G. Herbert. [S.l.]: Wipf and Stock Publishers, 2003. 182 p. Disponível em: https://www.perlego.com/book/1723013. Accesso em: 30 de abr. 2025. p. 20.
[38] AULÉN, *op.cit.* p. 22.
[39] RENDERS, H.; SANTOS, V. C. **As oitos expressões dos quatros tipos principais da teoria da expiação: as teologias da cruz em uma perspectiva metodista.** Estudos de Religião, v. 36, n. 3, p. 121-156, 2022. DOI: https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v36n3p121-156. p. 137. E AULÉN, *op.cit.* p. ix.
[40] GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186. p. 180.

meio da cruz e da ressurreição.[41]

Aulén[42] também destaca três aspectos fundamentais da expiação: 1) ela é, em primeiro lugar, iniciativa de Deus em favor da humanidade, e não resultado de nossos esforços; 2) Deus se humilha ao encarnar-se para conquistar a vitória sobre as forças do mal, da morte e do pecado, por meio de sua entrega sacrificial; e 3) somente quando se crê nesses fundamentos e se proclama essa vitória sobre os poderes deste mundo é que a verdade do evangelho ganha força para penetrar na cultura e promover a transformação do mundo.

Martinho Lutero, segundo Aulén, restituiu o sentido dramático da salvação inerente à perspectiva *Christus Victor*. Em sua teologia, a justificação humana não se baseia somente na satisfação da justiça divina, mas na vitória de Cristo sobre a morte, o pecado e o diabo.[43] Lutero critica a redução da expiação a termos de satisfação, pois, para ele, Cristo não apenas sofreu em nosso lugar, mas, ao triunfar sobre o mal e o poder do inferno, inaugurou para nós um reino eterno de graça e garantiu o perdão contínuo dos pecados. Nessa ótica, Cristo torna-se não apenas o meio da expiação, mas fonte perene de redenção e santificação.[44]

Embora *Christus Victor* fosse considerada uma "baixa teologia" por não possuir formulação sistemática comparável à Teoria da Satisfação, Martinho Lutero a resgatou com vigor. Contudo, mesmo após esse breve renascimento, a ênfase na vitória de Cristo foi progressivamente abandonada na teologia do protestantismo ortodoxo posterior, em favor da teoria da satisfação.[45] A perspectiva clássica da expiação, seja na Teoria da Recapitulação ou em sua formulação como *Christus Victor*, foi amplamente rejeitada por teólogos, em grande parte pela simplicidade conceitual que lhe conferia o rótulo de "baixa teologia". Além disso, *Christus Victor* sofreu o impacto de um paradigma dominante que privilegiava categorias racionalistas e filosóficas no discurso cristão, o

---

[41] ALLEN, *Op.cit.* p. 266. BIRD, Michael F. **Romans, The Story of God Bible Commentary** [Grand Rapids: Zondervan, 2016]. p. 116. E MORRIS, L. **The Epistle to the Romans** [Grand Rapids: Eerdmans, 1988]. p. 265-266.
[42] AULÉN, *op.cit.* p. 158-159.
[43] AULÉN, Gustaf. **Christus Victor: an historical study of the three main types of the idea of atonement.** 3. ed. Tradução de A. G. Herbert. [S.l.]: Wipf and Stock Publishers, 2003. 182 p. Disponível em: https://www.perlego.com/book/1723013. Accesso em: 30 de abr. 2025. p. 107.
[44] AULÉN, *op.cit.* p. 253.
[45] AULÉN, *op.cit.* p. 245.

que contribuiu decisivamente para sua desvalorização e marginalização no cenário teológico.[46]

3. TENSÕES E CONVERGÊNCIAS

Em *The Atonement* (2018), Willian Lane Craig defende de maneira contundente a Substituição Penal, sustentando que não há como qualquer teoria expiatória ser bíblica ou coerente sem que a satisfação penal constitua seu núcleo primordial. Segundo o autor, esse modelo é imprescindível para uma interpretação consistente de textos bíblicos como Isaías 53 e seu desdobramento no Novo Testamento: sem ele, torna-se impossível apreender adequadamente as dimensões do sofrimento vicário e da reparação exigidos nas Escrituras.[47]

Além disso, Craig[48] sustenta que a Substituição Penal transcende a esfera de uma mera doutrina teológica. Para o apologeta, se for demonstrada como verdadeira, ela passa a servir como alicerce para variados conceitos fundamentais à fé cristã, tais como o resgate da humanidade do pecado, a satisfação da justiça divina e a influência moral exemplar de Cristo.

Em outras palavras, esse modelo torna-se a coluna de sustentação de grande parte da teologia apologética, pois a coerência interna da mensagem cristã repousa sobre a eficácia do sacrifício vicário de Cristo.

Ademais, Craig argumenta que o sofrimento que a humanidade merecia foi voluntariamente assumido por Cristo. Segundo ele, a morte de Cristo expia efetivamente a ira divina e livra-nos da condição de culpados diante de Deus. Dessa forma, nossos pecados foram imputados a Cristo, por meio do sacrifício vicário, e, simultaneamente, a retidão de Cristo é imputada a nós pela fé n'Ele, tornando possível desfrutarmos da reconciliação com o Pai.[49] Esse duplo movimento de imputação, tanto do pecado quanto da justiça, caracteriza a centralidade da Substituição Penal na teologia proposta por Craig. Embora Craig advogue a favor da Substituição Penal, ele adota uma

[46] AULÉN, *op.cit.* p. 9.
[47] CRAIG, William Lane. **The Atonement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. ISBN 978-1-108-45740-8. p. 53-54.
[48] CRAIG, *op.cit.* p. 54.
[49] CRAIG, *op.cit.* p. 38.

linguagem cuidadosa, evitando afirmar explicitamente que Cristo foi "punido" diretamente pelo Pai para remissão dos nossos pecados. Ainda assim, reconhece que essa interpretação pode ser feita a partir da premissa básica da Doutrina, a saber, que "Deus impôs a Cristo o sofrimento que nós merecíamos como punição pelos nossos pecados, em consequência do qual já não merecemos mais punição."[50]

Em resumo, Craig[51] defende que: 1) a substituição penal é essencial e central para qualquer teoria de expiação que queira ser fiel ao texto bíblico; 2) sem ela, não é possível explicar adequadamente passagens-chave como Isaías 53; 3) essa doutrina serve de alicerce para a redenção, a satisfação da justiça divina e a influência moral de Cristo; e 4) enfatiza que Cristo recebeu voluntariamente o castigo que nós merecíamos, propiciando a reconciliação entre Deus e a humanidade.

Allen, em seu livro *The atonement* (2019), acredita que a essência da divergências entre as teorias expiatórias está em quanto elas focam nos resultados da expiação ou em seu mecanismo. Na sua opinião, a Substituição Penal tem a sua enfase nos mecanismos da redênção, enquanto o modelo Cristus Victor enfatiza seus resultados.[52] Existe também a discussão em torno do beneficiário do Sacrificio de Jesus, já que seu sangue é o pagamento pelo resgate da humanidade. Allen[53] entende que o novo testamento escolhe silenciar-se sobre quem usufrui desse soldo santo.

Ao defender a Substituição penal, autor também enfatiza a dimensão forense e a linguagem jurídica ao afirmar que "Deus não pode salvar as pessoas unicamente por um ato de Sua vontade (voluntarismo)"[54] Para ele, a remissão dos pecados só é possível quando o justo requerimento da Lei divina é satisfeito. Nesse sentido, na cruz, Jesus remove as "barreiras legais" que impediam Deus de oferecer perdão à humanidade de maneira justa.

Gustaf Aulén distingue três modelos principais de expiação, em *Christus Victor* (2003). O primeiro é o tipo clássico, já formulado por Irineu, recuperado por Lutero e

---

[50] CRAIG, William Lane. **The Atonement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. ISBN 978-1-108-45740-8. p. 53. Tradução nossa.
[51] CRAIG, *op.cit.* p. 53-54;58.
[52] ALLEN, David. The atonement. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: https://www.perlego.com/book/2694976. Accesso em: 11 de mar. 2025. p. 11.
[53] ALLEN, *Op.cit.* p. 24.
[54] ALLEN, *Op.cit.* p. 16.

retomado por Aulén como Christus Victor. Esse modelo, que enfatiza a recapitulação de Cristo como vencedor do pecado e do mal, acabou sendo gradualmente suplantado pelos demais. O segundo é o tipo latino (ou "objetivo"), que dominou a tradição católica e enfatiza a satisfação da honra ou da justiça divina. Anselmo de Cantuária figura como seu principal expoente, pois centra-se na ideia de que Cristo paga o preço devido pelo pecado, restaurando a honra de Deus. Finalmente, o terceiro é o tipo subjetivo (ou "humanista"), relacionado ao Pietismo e às correntes schleiermacheriana e ritschliana; esse modelo enfatiza o efeito da cruz sobre a consciência humana. Inicialmente desenvolvido por Abelardo, ele foi adotado e defendido por teólogos liberais, os quais o valorizam como estímulo ético para a fé.[55]

A Substituição Penal, muitas vezes associada ao tipo latino, representa a via objetiva da expiação em contraste com o enfoque subjetivo. Contudo, Aulén defende que o tipo clássico integra, de maneira superior, tanto as dimensões objetivas quanto subjetivas da salvação, alcançando, assim, um pleno equilíbrio entre justiça e transformação interior.[56] Dessa forma, a recapitulação de Cristo não se limita a reparar o estrago causado pelo pecado, mas engloba também a renovação interna do crente, mostrando a eficácia e a abrangência do modelo clássico.

David Bentley Hart[57] também expressa ressalvas quanto à incapacidade de modelos expiatórios puramente transacionais, no sentido legal e jurídico, de abordarem com impacto os aspectos da realidade que vão além de uma mera compensação de penas. Ele observa que esses modelos não abarcam a dimensão relacional do perdão, a vivência de comunhão entre Deus e a humanidade, nem a libertação abrangente da criação, todos esses elementos centrais na narrativa bíblica da expiação. Como o autor aponta:

> Para os primeiros cristãos, a história da salvação era inteiramente um relato de resgate em sua totalidade: a epopeia de Deus descendo às profundezas do afastamento humano para libertar suas criaturas do cativeiro da morte, penetrando até o coração do Hades para pôr em liberdade os cativos, chamar de volta seus filhos pródigos e restaurar uma criação quebrada. O sacrifício

[55] RENDERS, H.; SANTOS, V. C. **As oitos expressões dos quatros tipos principais da teoria da expiação: as teologias da cruz em uma perspectiva metodista.** Estudos de Religião, v. 36, n. 3, p. 121-156, 2022. DOI: https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v36n3p121-156. p. 125–126.
[56] RENDERS, *op.cit.* p. 137.
[57] HART, David Bentley. **That All Shall Be Saved: Heaven, Hell, and Universal Salvation.** New Haven: Yale University Press, 2019. p. 24-27.

> de Cristo não foi um "resgate" pago ao Pai, mas sim o "preço de alforria" (ἀντίλυτρον, λύτρον) oferecido para comprar a liberdade dos escravos retidos em cativeiro na casa da morte.[58]

Segundo Hart[59], Gregório de Nissa entende que a humanidade alcançará sua plenitude concreta apenas ao final do longo processo temporal ("*akolouthia*"), isto é, quando o tempo histórico atingir seu propósito. Só então toda a humanidade plenamente redimida será recapitulada em Cristo. Hart[60] reforça que, nesse processo, Cristo assume a finitude e a história humana, reorientando-as ao seu propósito original e restaurando, por meio de sua encarnação, morte e ressurreição, toda a humanidade como uma unidade viva.

A teologia patrística, especialmente representada pela tipologia clássica da expiação, não se restringe aos paradigmas tradicionais da retribuição divina ou à moralidade individual. Ela não deve ser compreendida exclusivamente por categorias religiosas ou morais, como ocorre na teologia liberal. Em vez disso, esse modelo enxerga o dilema humano fundamental como uma forma de sujeição a poderes opressivos, sejam eles políticos ou econômicos. Assim, a teoria clássica não se enquadra inteiramente nas categorias de expiação puramente objetiva ou subjetiva; propõe também uma abordagem intersubjetiva e social, com implicações concretas para a libertação coletiva e para o engajamento crítico com as estruturas deste mundo.[61]

4 UMA PROPOSTA PARA ENTENDER A EXPIAÇÃO

A razão fundamental para a limitação dos modelos expiatórios dominantes reside no fato de que os pais reformadores não consideraram a expiação em seu contexto escatológico, isto é, em relação ao destino que Deus reservou aos destinatários dessa obra redentora. O propósito da salvação está intrinsecamente vinculado à forma pela qual ela se efetiva.[62] Esse fato contribui, em parte, para que, ao tratarmos de escatologia,

---

[58] HART, David Bentley. **That All Shall Be Saved: Heaven, Hell, and Universal Salvation.** New Haven: Yale University Press, 2019. p. 25-26. Tradução nossa.
[59] HART, *op.cit.* p. 140.
[60] HART, *op.cit.* p. 141.
[61] KOTSKO, A. **The Persistence of the Ransom Theory of the Atonement**. In: JOHNSON, A. J. (ed.). T&T Clark Companion to Atonement. London, Oxford, New York, New Delhi, Sydney: 2017. p. 278.
[62] WRIGHT, N.T. The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus's Crucifixion. New York: HarperOne, 2016. p. 28. E BARTH, Karl**. Church Dogmatics: The Doctrine of**

concentremos nossa atenção sobretudo no destino sobrenatural da existência, notadamente céu e inferno, em vez de enfatizarmos a realidade da nova criação que se inaugura pela vida e obra de Cristo.[63]

Jurgen Moltmann alerta sobre os perigos dessa inversão de valores em The Crucified God (1993). Nessa obra, ele discute a importância de integrar a cruz e a ressurreição de Cristo dentro de uma perspectiva escatológica ampla — ou seja, como o início de uma nova realidade para toda a criação. Moltmann adverte que, se a cruz for interpretada apenas como um sacrifício expiatório restitutivo, ela corre o risco de se tornar um ato voltado para restaurar uma ordem jurídica passada (restituição), em vez de um evento que inaugura uma nova realidade de vida e libertação.[64]

Segundo o autor, tais teorias abstratas de expiação fazem manutenção do codigo penal do Antigo Testamento, pois se limitam a reparar o pecado individual sem promover uma nova vida ou uma transformação concreta do mundo. Para Moltmann, a ressurreição de Cristo não apenas confirma a vitória sobre o pecado; ela transforma a realidade, estabelecendo o início do Reino de Deus aqui e agora. Reduzir a obra de Cristo a uma transação jurídica nega, portanto, sua dimensão escatológica e impede que a cruz atue como critério crítico da realidade injusta do mundo, assim como em ponto de partida para a transformação concreta dessa realidade. Dessa forma, a morte e a ressurreição de Cristo são inseparáveis: juntas, elas representam o começo da nova criação. Ignorar essa dimensão escatológica, ou seja, tratar a cruz apenas como "salvação individual", é perder a força transformadora que o evento traz para a sociedade e para a história.

A missão de Jesus, sua pregação, e sua vivência como ser humano eram intrinsecamente escatológicas. Em outras palavras, a escatologia neotestamentária não se trata apenas de algo que ainda está por vir, mas de algo que se inaugura em Jesus de

---

Reconciliation. Vol. IV, §§ 57–59. Tradução de G. W. Bromiley. Londres; Nova York: T&T Clark, 2009. ISBN 978-0-5674-0662-0. p. 105–106.

[63] WRIGHT, *op.cit.* p. 29.

[64] MOLTMANN, J. **The crucified God: the cross of Christ as the foundation and criticism of Christian theology** [Der gekreuzigte Gott]. 1st Fortress Press ed. Traduzido por R. A. Wilson and John Bowden. Minneapolis: Fortress Press, 1993. p. 182-187.

Nazaré.[65] Esse aspecto é fundamental para compreendermos a totalidade da ação redentora de Cristo, pois estabelece que já agora, por meio dele, a restauração da criação e a libertação humana começam a acontecer. Isso se se torna evidente na proclamação do Reino de Deus, "o tempo está cumprido e o Reino de Deus está próximo" (Mc 1.14–15), e na afirmação programática de que as bênçãos esperadas "na idade vindoura já estavam sendo realizadas na missão de Jesus"[66]

N. T. Wright reflete sobre essa mesma dimensão em *The Day the Revolution Began* (2016). Wright critica os modelos dominantes de expiação por serem reducionistas, especialmente o modelo do "contrato de obras", que entende a cruz como pagamento de uma dívida legal exigida por um Deus irado. Para ele, essa estrutura teológica compromete a beleza do evangelho e desvia a atenção da verdadeira vocação do ser humano. Em vez disso, o autor propõe que a cruz deve ser compreendida dentro de uma "aliança de vocação", na qual o chamado original da humanidade é restaurado. Wright esclarece que o foco da cruz não está nas "obras", sejam as humanas ou as de Cristo, mas na restauração da vocação humana, que consiste em adorar a Deus e refletir sua imagem no mundo. Assim, a expiação não é uma simples solução para o problema do pecado; ela é o meio pelo qual os seres humanos são reconciliados com sua missão original.[67]

Para Wright, a morte de Jesus não se reduz a um evento religioso, mas constitui um acontecimento revolucionário que transforma a realidade do mundo. Ele destaca que, já ao final daquela sexta-feira da Paixão, o mundo havia mudado para os discípulos de Jesus, pois uma nova ordem havia sido instaurada. A cruz representa o início de uma nova era, marcada pela subversão dos poderes do mal e pelo surgimento de um novo tipo de realeza e poder (Wright, 2016, p. 8).[68] Em vez de tratar a cruz como teoria

---

[65] DUNN, James D.G. **Teologia do Novo Testamento***: uma introdução*. Tradução de Karen Clavery Macedo e Leonardo A.R.T. dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. p. 147–148.
[66] DUNN, *op.cit.* p. 148.
[67] WRIGHT, N.T. The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus's Crucifixion. New York: HarperOne, 2016. p. 28. E BARTH, Karl**. Church Dogmatics: The Doctrine of Reconciliation**. Vol. IV, §§ 57–59. Tradução de G. W. Bromiley. Londres; Nova York: T&T Clark, 2009. ISBN 978-0-5674-0662-0. p. 330.
[68] WRIGHT, N.T. The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus's Crucifixion. New York: HarperOne, 2016. p. 28. E BARTH, Karl**. Church Dogmatics: The Doctrine of Reconciliation**. Vol. IV, §§ 57–59. Tradução de G. W. Bromiley. Londres; Nova York: T&T Clark, 2009. ISBN 978-0-5674-0662-0. p. 8.

abstrata, Wright propõe que os evangelhos apresentam uma narrativa viva e concreta: a cruz é explicada por meio de uma história encarnada, por gestos como a refeição e pelo serviço humilde. Ela não é um mecanismo espiritual de punição, mas o clímax de uma história sobre o amor de Deus sendo encarnado e vitorioso no mundo (Wright, 2016, p. 336).[69]

A cruz, portanto, é a vitória de Jesus sobre os poderes antagônicos a Deus e à criação, poderes que assumiram autoridade indevida por meio da idolatria e da injustiça humanas. A vitória de Cristo não é apenas espiritual; ela é real e abrangente, convocando os redimidos a participarem dessa transformação histórica. A expiação, nesse sentido, assume a forma de libertação ativa, que se manifesta de modo concreto na história (Wright, 2016, p. 336).[70]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que a obra redentora de Cristo vai além do perdão individual e abrange a derrota das forças da idolatria, do mal e da injustiça, que distorcem a vocação humana. Em Romanos, Paulo apresenta o pecado não apenas como erro moral, mas como expressão de adoração desviada, revelando uma falha de natureza doxológica. Assim, a expiação não deve ser vista apenas como um ato na cruz, mas como um processo que envolve encarnação, morte, ressurreição e ascensão, apontando para o Cordeiro imolado antes da fundação do mundo.

A partir da perspectiva do modelo clássico, Christus Victor, a expiação comunica não só vitória cósmica sobre o mal, mas também a mobilização dos redimidos como participantes ativos no Reino de Deus. Textos como Apocalipse 1:5-6 e 2 Coríntios 5–6 mostram que a obra de Cristo concede ao seu povo uma nova identidade coletiva: o sacerdócio real. Trata-se de uma vocação restaurada, que inaugura uma nova humanidade comprometida com a reconciliação e com a missão do Reino.

Contudo, mesmo com a ênfase escatológica presente em autores como Wright (2016) e Moltmann (1993), nota-se que, na prática pastoral, a ressurreição é

[69] WRIGHT, *op.cit.* p. 336.
[70] WRIGHT, *op.cit.* p. 336.

frequentemente negligenciada em favor de uma centralidade quase exclusiva na morte de Cristo. Isso empobrece a compreensão da expiação como inauguração de uma nova criação. A cruz inicia o processo; a ressurreição o confirma e o impulsiona. Juntas, essas dimensões são inseparáveis e formam a resposta completa de Deus ao problema do mal.

No Novo Testamento, a salvação é comunicada por meio de metáforas variadas e, às vezes, tensionadas entre si. Como adverte Dunn (2021), o risco de sistematizar rigidamente essas imagens, transformando poesia em prosa, é trair a intenção original dos autores bíblicos. As metáforas bíblicas visavam comunicar a realidade vivencial da salvação e não estabelecer doutrinas fechadas sobre seu funcionamento.

Além disso, diante da crescente sensibilidade da sociedade contemporânea à linguagem violenta e punitiva, é necessário atenção ao modo como comunicamos a cruz. Quando a substituição penal é mal explicada, pode reforçar a ideia de um Deus tirano, cujo amor precisa ser "comprado" com sofrimento. Wright (2016) adverte que, mesmo pregadores bem-intencionados, muitas vezes, sem perceber, reforçam essa imagem na forma como falam de Deus e da cruz. Isso não apenas obscurece a beleza do evangelho, mas compromete sua recepção entre os ouvintes.

Este estudo limitou-se à análise de duas teorias principais. Uma investigação mais abrangente poderia incluir a Teoria Moral (Abelardo) ou abordagens narrativas contemporâneas que ampliem o alcance simbólico e litúrgico da expiação. Além disso, estudos interdisciplinares entre teologia e ciências sociais poderiam aprofundar o impacto ético e político das concepções expiatórias, especialmente no enfrentamento das estruturas de opressão e injustiça em contextos atuais.

Em última análise, há um consenso fundamental entre os diversos modelos apresentados: Deus agiu em Cristo por amor. É esse amor que deve moldar nossa teologia, nossa pregação e nosso modo de viver. A fidelidade ao evangelho não exige apenas precisão doutrinária, mas também sensibilidade pastoral e compromisso com a missão de reconciliar todas as coisas em Cristo.

REFERÊNCIAS

ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable]

Disponível em: https://www.perlego.com/book/2694976. Accesso em: 11 de mar. 2025.

AULÉN, Gustaf. **Christus Victor: an historical study of the three main types of the idea of atonement.** 3. ed. Tradução de A. G. Herbert. [S.l.]: Wipf and Stock Publishers, 2003. 182 p. Disponível em: https://www.perlego.com/book/1723013. Accesso em: 30 de abr. 2025.

BARTH, Karl**. Church Dogmatics: The Doctrine of Reconciliation**. Vol. IV, §§ 57–59. Tradução de G. W. Bromiley. Londres; Nova York: T&T Clark, 2009. ISBN 978-0-5674-0662-0.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática** / Louis Berkhof; trad. por Odayr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.

BIRD, Michael F. **Romans, The Story of God Bible Commentary** [Grand Rapids: Zondervan, 2016].

BUTLER, G. **Appeasement of a monster God?** A historical and biblical analysis of Penal Substitutionary atonement. **Themelios**, v. 46, i. 1, 2021. Disponível em: https://www.thegospelcoalition.org/themelios/article/appeasement-of-a-monster- god-a-historical-and-biblical-analysis-of-penal-substitutionary-atonement/

CALVIN, John. **Institutes of the Christian Religion.** Translated from the Latin and collated with the author's last edition in French by John Allen. 7th American ed., revised and corrected. Vol. I. Philadelphia: Presbyterian Board of Christian Education, 1936. Disponível em: https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.1057/page/n75/mode/2up. Acesso em: 22 jun. 2025.

CRAIG, William Lane. **The Atonement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. ISBN 978-1-108-45740-8.

CRAIG, William Lane. **Is Penal Substitution Unjust?** *International Journal for Philosophy of Religion*, v. 83, p. 231, 2018. DOI: https://doi.org/10.1007/s11153- 017-9654-x.

DUNN, James D.G. **Teologia do Novo Testamento***: uma introdução*. Tradução de Karen Clavery Macedo e Leonardo A.R.T. dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010.

HART, David Bentley. **That All Shall Be Saved: Heaven, Hell, and Universal Salvation.** New Haven: Yale University Press, 2019.

KOTSKO, A. **The Persistence of the Ransom Theory of the Atonement**. In: JOHNSON, A. J. (ed.). T&T Clark Companion to Atonement. London, Oxford, New York, New Delhi, Sydney: 2017. p. 277-294.

MOLTMANN, J**. The crucified God: the cross of Christ as the foundation and criticism of Christian theology** [Der gekreuzigte Gott]. 1st Fortress Press ed. Traduzido por R. A. Wilson and John Bowden. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

Moo, D. **Romans.** [edition unavailable]. Zondervan Academic. 2009. Disponível em:

https://www.perlego.com/book/561327. Accesso em 11 Mar. 2025.

MORRIS, L. **The Epistle to the Romans** [Grand Rapids: Eerdmans, 1988]. PACKER, J.I. **Knowing God**. Reprint ed. InterVarsity Press, 1993.

RENDERS, H.; SANTOS, V. C. **As oitos expressões dos quatros tipos principais da teoria da expiação: as teologias da cruz em uma perspectiva metodista.** Estudos de Religião, v. 36, n. 3, p. 121-156, 2022. DOI: https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v36n3p121-156.

SMEDES, Lewis B. **The Incarnation**: Trends in Modern Anglican Thought (Kampen, Netherlands: J. H. Kok, 1953).

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**: Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Petrópolis, RJ: Editora Ultimato, 2007. 522 p. ISBN 09788570550248.

WALTON, John H. **The Lost World of Genesis One**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009. ISBN 978-0-8308-3704-5.

WRIGHT, N.T. **The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus's Crucifixion**. New York: HarperOne, 2016.